
AS DIFERENTES FACES DO PODER PUNITIVO EM “O SEGREDO DOS SEUS OLHOS”

Por Gustavo Noronha de Ávila e Alexis Andreus Gama

ATENÇÃO: contém spoiler. Antes de ler o texto, veja o filme disponível aqui.

“O Segredo dos Seus Olhos” (El Secreto de Sus Ojos, Campanella, 2009) pode ser considerado um pequeno-grande tratado, em formato de película, sobre a punição. De maneira primorosa, consegue trazer ao espectador diferentes perspectivas de uma mesma questão: o ato violento.

Como diria Christie, “crime” é apenas uma das interpretações – realizada pelos agentes do sistema jurídico-penal a partir de uma hipótese normativa – dada a um ato violento, um acontecimento danoso ou traumático da vida. Além do rótulo de “crime”, o fato pode ser interpretado por alguns como ato heroico, por outros como pecado, ou até como um ato de insanidade. Ocorre que, normalmente, antes mesmo de ser encarado puramente como um ato violento, o acontecimento da vida acaba por ser enclausurado como “crime”. No entanto, a despeito da “intensidade” ou “gravidade” que o sistema penal atribui ao crime, o fato violento pode significar aos envolvidos muito mais do que o imaginado por juízes, promotores, advogados, escrivães ou policiais. O ato violento pode significar a ruína de uma vida, como no caso do viúvo Ricardo Morales, um dos personagens principais do filme.

O conceito de “crime”, nem sempre fácil de ser analisado para além dos estritos limites jurídicos, então, precisa ser entendido de forma a transcender as vinganças estatais/estatizantes, já que se apresenta frágil quando enxergado à luz dos sentimentos humanos de amor, ódio, angústia e solidão.

Os persistentes efeitos do passado sobre o presente também aprisionam o protagonista Benjamin Espósito, que acabou por incorporar o desejo de “justiça” (punitivo) do viúvo Morales, passando a viver uma vida “cheia de nada”. Mais: por sua origem e contexto histórico, é possível vincularmos as realidades dali com a brasileira. É inegável que os rastros autoritários seguem influenciando nossas políticas repressivas ao crime e esta tônica está presente na trama narrativa.

O filme trata de uma das mais importantes faces do Sistema Penal: a vingança. Parece fundir-se em Ricardo Morales tanto o desejo de vingança quanto a fé na “solução” ao crime (a “adequada” punição do criminoso) provida pela Justiça Criminal. A partir daí, desenvolve-se a trama de sua decepção com o sistema e sua busca por “fazer justiça com as próprias mãos”. A película lida, dessa forma, com as indistintas dores produzidas e as perversidades envolvidas na burocratização do sofrimento.

Trazemos aqui uma revisão livre de amarras: não estamos preocupados com as formas, porém com o conteúdo dos debates potencialmente contidos. Nosso texto traz traços acadêmicos, como também se vale de um estilo literário próximo ao da resenha. Longe das limitações inerentes às definições, deixamos ao leitor as reflexões, angústias e dúvidas ao final. Afinal, seria no mínimo pretensioso indicar a chave de compreensão do filme quando podemos nos colocar em dúvida. Parece residir aqui o maior mérito de Campanella.

O Sistema Penal aos Seus Olhos

Importante destacarmos a latente insensibilidade do Sistema Penal ao longo filme: os primeiros “culpados” pelo brutal assassinato foram torturados até as raízes da cegueira, Morales prestou depoimento sem qualquer condição de articular palavras, os agentes estatais são imbuídos de uma missão para a qual dificilmente terão sucesso sem gestos extraordinários e as vítimas do crime são recompensadas pelo Estado com solene ignorância. Mais: sabem pela televisão sobre a liberdade de quem julgam culpados.

Mesmo responsável por crime considerado “hediondo” em nosso país, o assassino Isidoro Gómez teria direito à entrevista com advogado. Ao invés disso, passou três dias incomunicável. Quem percebeu?

Como nos damos conta que o desastre punitivo é simplesmente produto de nosso comportamento autofágico: tratamos dores com imposição de dor. Governamentalizamos (“Você disse perpétua!”) os cidadãos para que os controles se disseminem. Estão todos prontos para vigiar uns aos outros. Prontos para sucumbir ao medo. Prontos para o temor e distantes do amor.

Necessidade de existência do Direito Penal? Importância do Estado como meio de regular as atitudes de dada sociedade. O contrato social não é ficção, pois seus efeitos são concretos. Fictícias são suas promessas.

É necessário, a partir da película, percebermos dois caminhos possíveis face à possibilidade de nos tornarmos o animal nietzschiano. O filósofo alemão nos dizia que o animal ressentido é “o ruminante da memória”.

“Uma Vida Cheia de Nada”

Morales não quer pena de morte ao assassino, afinal a injeção letal ele mesmo queria. Talvez, já tivesse a provado sem saber. Morreu junto com Liliana. Ele crê piamente na pena a ser aplicada pelo Sistema Penal: prisão perpétua. O homicida seria condenado à uma vida tão vazia quanto a dele. O esposo da vítima adota para si, misturada com o desejo de vingança, a “justificativa” retributiva da pena.

Mas o que é a retribuição, afinal? A que estado de coisas a pena visa reequilibrar, se os mortos não voltam à vida, se a prisão dos culpados não aplaca a dor dos que sentem saudade e solidão?

Morales está tão obcecado por retribuir o mal causado que não esquece das feições de Gómez, mas a lembrança de sua Liliana se esvai a cada dia. São 25 anos vivendo o nada. Sem sentido algum. “Teve mil passados sem um futuro”.

Talvez Morales só se dê conta da ausência de sentido da pena quando finalmente consegue executá-la com suas próprias mãos. Não é de satisfação, prazer ou paz o olhar que lança a Espósito quando lhe diz: “Você disse perpétua!”. O esposo da vítima encarcerou com Gómez o que lhe restava de humanidade, reduzindo o outro à coisa. E provou: a vida movida à vingança não é vida, é o nada.

Finalizamos com Campanella, realizando análise do clímax do filme, em Entrevista ao site da BBC britânica:

Em nenhum momento se apresenta Morales como um Anjo Vingador, mas como uma pessoa tão presa quanto ao próprio preso. O filme mostra Morales como um ser espiritualmente destruído e cego em sua própria vingança. Desde outro ponto de vista, ainda, Morales não sentencia. Durante todo o filme Morales passa confiando na justiça e no direito natural. A mesma justiça que sentencia e condena Gómez. E este outro poder que o deixa livre. Morales não profere a sentença, apenas a executa. Por óbvio, quando a justiça não é executada pelo Estado, como deve ser, se abre porta a todo tipo de perversão da Justiça.

Ao final, podemos nos perguntar: quem é o criminoso? Morales por cárcere privado? Espósito por omissão? Gomez por ter cometido estupro seguido de homicídio?

Os rótulos nos afastam da coisa mesma. Não representam as dores de um processo de criminalização. Reduzem as complexidades, tratando-as de forma binária: condenado/absolvido, culpado/inocente e preso/solto.

Faz sentido viver uma vida cheia de nada? A imposição de dor deliberada (Christie) preenche de sentido nossa existência? Ou nos afasta da condição de humanos?

<http://www.justificando.com/2015/05/21/as-diferentes-faces-do-poder-punitivo-em-o-segre-do-dos-seus-olhos/>

O MELHOR FILME DA HISTÓRIA RECENTE DO CINEMA

Por Rafael Theodor Teodoro

Muitos são os aspectos elogiáveis em “O Segredo dos Seus Olhos”, filme do diretor argentino Juan José Campanella. O roteiro complexo, com permanentes digressões entre passado e presente, a excelente interpretação dos atores, a bela fotografia, a trilha sonora comovente assinada pelos compositores Federico Jusid e Emilio Kauderer, o antológico plano-sequência no estádio de futebol. São aspectos técnicos, já amplamente incensados pela crítica, que colocam essa película, com todo o mérito, não só entre as mais sofisticadas produções do cinema latino-americano como entre o que de melhor já se fez na história da cinematografia recente em nível mundial. Assim, a considerar a merecida ovação da crítica, meu estímulo em escrever sobre esse filme dá-se menos pelas suas indiscutíveis qualidades de técnica cinematográfica que pelas ricas possibilidades de interpretação da sua narrativa. Sobretudo me encanta tratar de dois elementos específicos da obra: a defesa da imutabilidade da paixão e a vida vazia que se segue como conseqüência ao temor de amar.

A paixão, este sentimento de intensidade forte, arrebatadora, surge em “O Segredo dos Seus Olhos” de maneira inicialmente tímida. De fato, o mote da película argentina, a princípio, aparenta restringir-se ao gênero policial. Em 1974, a bela e jovem Liliana Colotto (Carla Quevedo) é estuprada e assassinada por um homem misterioso. Benjamín Espósito (Ricardo Darín), servidor público do Fórum Criminal de Buenos Aires, é destacado para acompanhar as investigações do caso. Seria o início típico de um roteiro de filme policial não fosse por um detalhe: a trama alterna cenas do passado e do presente. Agora o ano é de 1999, Espósito já está aposentado. Com o tempo livre que sobra, planeja escrever um romance. Sua ideia é criar ficção a partir de fatos. Com esse propósito, debruça-se sobre o caso que mais marcou sua carreira. Ei-lo então às voltas novamente com o estupro e homicídio qualificado de Liliana Colotto. A todo o momento, as lembranças do ano de 1974 voltam à sua memória.

Para sustentar o interesse do público pela investigação, Cam-pa-nella, de maneira muito habilidosa, coloca personagens carismáticos no ambiente solene dos tribunais. É assim que o espectador é apresentado a dois personagens extremamente relevantes para o desenvolvimento da trama: Irene Menéndez Hastings (Soledad Villamil) e Pablo Sandoval (Guillermo Francella). A primeira é a nova secretária do juízo, funcionária de excelente formação jurídica, hierarquicamente superior. O segundo é o assistente de Espósito, um sujeito que sofre com a doença do alcoolismo, mas que, apesar disso, conserva uma capacidade extraordinária de observar detalhes relevantes para a condução de um inquérito criminal.

No encaixote do assassinato, Espósito envolve-se cada vez mais com a vida da vítima. É assim que vem a saber que ela era professora e havia se casado no início do ano de 1974 com o bancário Ricardo Morales (Pablo Rago). Eles formavam um casal apaixonado, a viver um casamento feliz, interrompido brutalmente pelo crime sob investigação.

Esses elementos, uma vez reunidos, compõem a estrutura básica de um roteiro perspicaz, que parte de um caso policial para desvendar um mistério previsível (quem é o assassino de Liliana Colotto), ao passo que conduz a audiência a envolver-se no jogo de reminiscências que atemorizam Espósito — e que vão muito além do senso de justiça, do desejo de colocar atrás das grades o criminoso violento que ceifou a vida da jovem Liliana e, com isso, sepultou a felicidade de Ricardo Morales de maneira permanente.

É nesse plano que o filme transcende a obviedade do gênero policial. Na trama costurada pelo diretor, a descoberta do assassino é menos importante que o quebra-cabeça psicológico do protagonista. O romance que Espósito propõe-se a escrever não é uma simples apropriação ficcional de fatos; é um exercício de recordações dolorosas, de promessas não cumpridas, de temores que o impediram de amar.

Ao revisitar o caso Morales, Espósito termina por confrontar os fantasmas que assombram seu passado. Um deles é a paixão que sempre sentiu por Irene Hastings, um sentimento mal distinto nos trejeitos polidos com que se porta no tribunal, mas perfeitamente discernível no seu olhar. O protagonista justifica a sua covardia em declarar o que sente no respeito devido aos caracteres da moça (ela é rica, vem de família tradicional no meio jurídico e está noiva, ou seja, jamais daria certo com ele). Todavia, aquilo que detém Espósito é a insegurança típica de quem se julga incapaz de amar uma mulher. Não é a paixão contida que nutre por Irene que o amedronta, nem tampouco as diferenças sociais que os cercam e os separam. Espósito, em verdade, teme o próprio ato de amar. Por isso, conforma-se em sofrer ante uma paixão irrealizada, em deixar partir em silêncio o amor da sua vida, condenando a si próprio a uma vida medíocre e infeliz.

Olhos em estado de amor puro

Paralelamente, a mesma paixão irrealizada também se vai apresentar na relação de Ricardo Morales com Liliana Colotto. A diferença é que, aqui, o sentimento intenso, porém inconcretizado, é definitivo. O viúvo não pode recobrar o amor da esposa assassinada. A morte impediu em absoluto que a paixão que Ricardo consagrava à sua amada pudesse vicejar no enlace matrimonial. O assassinato de Liliana não lhes deu essa chance. Por isso o olhar de Ricardo Morales está sempre a vagar, perdido no infinito, em “estado de amor puro”. Ele está preso numa viuvez vazia, destruído pela devoção imorredoura que dedica à esposa — uma paixão da qual não se pode libertar qual uma eterna promessa não cumprida. A pena de prisão perpétua não foi dada ao assassino da esposa. Quem está preso perpetuamente é o próprio Ricardo, consumido

pelo desejo de vingança da mesma maneira que pela frustração de saber que sua paixão seguirá irrealizada, sempre em suspenso, proibida de abrir-se para as intempéries da vida, não importa o que aconteça.

Por outro lado, se o viúvo Ricardo Morales atingiu o estágio desesperador de quem ama, mas está impedido de amar por uma circunstância inarredável, tal não sucede com Espósito. Seu amor por Irene não encontra obstáculo intransponível. Não é a morte que o impede de amá-la. É unicamente seu temor. A paixão de Espósito pode concretizar-se. Eis o motivo pelo qual o personagem se vai identificando paulatinamente com o sofrimento do bancário. Não se trata apenas de “fazer justiça”, a punir o autor de um crime hediondo. O que se põe para Espósito é decidir o próprio destino, saber se é capaz de criar coragem para viver a sua própria paixão — a paixão por Irene, a paixão que ele não pode mudar mesmo após 25 anos de espera. Não se troca de paixão.

O segredo de viver uma vida vazia

Nesse sentido, à reflexão proposta por Espósito no diálogo com Irene sobre “Como se faz para viver uma vida vazia? Como se faz para viver uma vida cheia de nada?”, responder-se-á com dois importantes detalhes: os olhares e a letra “A”. Tais detalhes não são de fácil ou imediata percepção. Mas são eles que fixam os elementos discernentes da resposta, ao menos de acordo com a minha interpretação.

Os olhares revelam aquele segredo que não se pode ocultar. Não importa o esforço que se faça, os olhos falam. Especialmente não se calam diante da paixão inconcretizada, daquele sentimento intenso e vivo que, uma vez não realizado, permanece em aberto, a esperar algo (ou alguém) capaz de dar-lhe um desfecho digno. O “segredo dos seus olhos” está naquele elemento imorredouro, perene, infalível: a paixão que não se pode mudar. A paixão revela-se em plenitude como um segredo a ser descoberto através dos olhos. É assim que o olhar de Isidoro Gómez (Javier Godino) para Liliana nas fotografias denuncia o assassino. É assim que o olhar apaixonado de Ricardo Morales ao falar da esposa morta revela o seu estado de amor puro. E é assim que o olhar apaixonado de Espósito ao ver Irene segreda o mal terrível que acomete quem tem medo de amar.

Como Espósito experimenta uma paixão imortal por Irene, um sentimento tão intenso que, mesmo após 25 anos, ainda o consome, ele fracassa como escritor todas as vezes que principia seu romance. Sua desventura é a linguagem. Porque teme amar, ele nunca encontra a letra “a” que falta ao verbo. A sua história nunca chega a um final. Ou melhor: ela sequer teve um início. A porta do escritório (do coração) de Irene está sempre aberta. O homem que a ama nunca a fecha, porque nunca vai ao seu encontro “para dizer algo importante”. Por isso Espósito afirma, logo no começo do filme, que iniciou o seu romance 50 vezes, e nunca passou da quinta linha. E a velha máquina de escrever Olivetti, na qual datilografava os textos dos processos no tribunal, estava sempre quebrada. Seu defeito era justamente a tecla “A” — a única que nunca funcionava.

Mas a tecla “A” da máquina não funcionava para Espósito como nunca funcionará para qualquer um que ainda guarde nos seus olhos o segredo daquela paixão infinita, do sentimento irrealizado, da chance de ser feliz que se teve e se perdeu. A paixão pode ser impedida por fatos irreversíveis (como a morte, no caso de Ricardo e Liliana), mas pode também ser obstaculizada pelo medo, pelo simples temor. Quem sofre na covardia, opta em não correr o risco de amar.

Assim agindo, pode-se até obviar os inconvenientes de quem se apaixona (apaixonar-se é sofrer). Mas a paixão permanecerá lá, no fundo dos seus olhos, qual um segredo irrespondível, a esperar o desfecho que nunca vem. Para quem se deixa vencer pelo temor de amar ("Eu temo"), o "a" do verbo conjugado nunca formará o "te a-mo". Para pessoas assim não é a-pe-nas a linguagem que assoma analfabeta; é a paixão que morre nos seus olhos qual um segredo incontido. Para pessoas assim o amor irrealizado é o caminho de quem se acovarda e, com isso, evita sofrer. Mas é também a condenação à prisão perpétua numa vida vazia, uma vida "cheia de nada".

O que o filme "O Segredo dos Seus Olhos" mostra-nos é que não se pode abandonar o amor da sua vida impunemente. Não se pode deixar passar tudo de novo. Não se pode enganar a si próprio, como fez Espósito durante 25 anos, a dizer que a paixão que sentia já passou, que não deve perguntar, que não deve pensar mais a respeito. Quem aceita que não fez nada (não lutou pelo amor da sua vida), não pode ser feliz. Porque "vazia" e "cheia de nada" não são outras vidas; é esta. É apenas a vida de quem vive sem amor. É a prisão perpétua de quem vive com medo de amar.

<https://www.revistabula.com/2887-o-melhor-filme-da-historia-recente-cinema/>

FILOSOFAR PRO NADA

1) Qual é o segredo dos seus olhos?

2) Você está ou já esteve *distraído* com a vida?

3) O que você vê quando olha *para trás*? E quando é *para frente* que você olha?

4) Você tem alguma *paixão* que nunca mudou?